



Munich Personal RePEc Archive

**THE THEORY OF MULTIPLE
INTELLIGENCES: CONTRIBUTIONS
TO THE SCHOOL CONTEXT**

DIAS JUNIOR, ANTONIO CARLOS and VILLELA,
MARINA CRISTINA

Faculdade Anhanguera, Brasil, Faculdade de Tecnologia e Ciências,
Brasil

15 December 2019

Online at <https://mpra.ub.uni-muenchen.de/100807/>
MPRA Paper No. 100807, posted 12 Jun 2020 12:52 UTC

A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS: CONTRIBUIÇÕES PARA O CONTEXTO ESCOLAR

ANTONIO CARLOS DIAS JUNIOR¹, MARINA CRISTINA VILLELA²

¹(Faculdade Anhanguera, Brasil)

²(Faculdade de Tecnologia e Ciências, Brasil)

DOI: 10.5281/zenodo.3751805

Resumo: A diversidade existente entre os alunos configura-se como grande desafio aos professores em sala de aula, seja pelo ritmo de aprendizagem, pela forma como os alunos aprendem, pelos conhecimentos que mobilizam, pelas competências que apresentam dentre outros fatores. Apesar de todas as diferenças sociais, culturais, cognitivas, motoras, todo ser humano tem potencial para desenvolver suas habilidades e é competente/inteligente em alguma tarefa. Mas, afinal, o que é ser inteligente? Pensando nessa diversidade, o presente trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações acerca da Teoria das Inteligências Múltiplas, para uma discussão sobre o que seja inteligência, questionando o paradigma conceitual hoje impregnado no senso comum sobre ser ou não uma pessoa inteligente. Este estudo buscou, então, por meio de um ensaio teórico, apresentar uma reflexão sobre alguns conceitos de inteligência sob a ótica de Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner, apresentando suas categorizações e fomentando a discussão sobre sua contextualização e aplicação aos professores para que possam repensar suas práticas pedagógicas, atingindo competências diferentes e individuais, portanto, diferentes inteligências, de seus alunos em suas aulas. Os resultados oriundos deste estudo demonstraram que a importância da compreensão do termo “inteligência(s)” pode auxiliar na compreensão dos elementos que compõem o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais eficiente e levando em consideração as habilidades e competências dos alunos.

Palavras-Chave: Inteligências Múltiplas; Competências; Aprendizagem.

Abstract: The diversity among students is a great challenge for teachers in the classroom, either by the pace of learning, the way students learn, the knowledge they mobilize, the skills they present, among others. Despite all the social, cultural, cognitive, motor differences, every human being has the potential to develop their skills and is competent/ intelligent in some task. After all, what is being smart? Thinking about this diversity, the present work aims to make some considerations about the Multiple Intelligence Theory, for a discussion about what is intelligence, questioning the conceptual paradigm nowadays steeped in the common sense about being or not an intelligent person. This study sought, through a theoretical essay, to present a reflection on some concepts of intelligence from the perspective of Howard Gardner's Theory of Multiple Intelligences, presenting their categorizations and encouraging discussion about their context and application to teachers, so that they can rethink their pedagogical practices, reaching different and individual competences, therefore, different intelligences, of their students in their classes. The results from this study showed that the importance of understanding the term "intelligence (s)" can help in understanding the elements that make up the teaching-learning process, making it more efficient and taking into account the skills and competences of students.

Keywords: Multiple Intelligences; Skills; Learning

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a inteligência foi considerada única, global, uma inteligência geral. Por esta razão, os escores obtidos nos testes de Quociente de Inteligência foram utilizados como qualificadores do nível de inteligência do indivíduo por diversas instituições. Mas, afinal, o que é ser inteligente?

A criação da teoria das múltiplas inteligências trouxe uma nova concepção à discussão sobre a pedagogia com foco no aluno. Se as informações são absorvidas de formas diferentes, como um método único de ensinar poderia ser capaz de garantir o pleno desenvolvimento de todos os educandos? A teoria das múltiplas inteligências despertou os profissionais da educação para a diversidade dentro do ambiente escolar e reforçou a ideia de inclusão dos alunos com diferentes competências, ao invés de ver com bons olhos apenas os alunos mais desenvolvidos nas inteligências Lógico-matemática e Linguística, questiona-se o pensamento de que a inteligência pode ser medida por testes padronizados como testes de pequenas e rápidas respostas realizados com caneta e papel (ALVES, 2001; ANTUNES, 2003; BONMANN, 2001; GARDNER; CHEN; MORAN et al., 2010).

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações acerca da Teoria das Inteligências Múltiplas, para uma discussão sobre o que seja inteligência, questionando o paradigma conceitual hoje impregnado no senso comum sobre ser ou não uma pessoa inteligente. Desta maneira, identificar as principais discrepâncias entre o conceito de inteligência tradicional e o das Inteligências Múltiplas pode auxiliar na compreensão dos elementos que compõem o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais eficiente e levando em consideração as habilidades e competências dos alunos.

Este estudo buscou, então, por meio de pesquisa bibliográfica, apresentar uma reflexão sobre alguns conceitos de inteligência sob a ótica de Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner, apresentando suas categorizações e fomentando a discussão sobre sua contextualização e aplicação aos professores para que possam repensar suas práticas pedagógicas, atingindo competências diferentes e individuais, portanto, diferentes inteligências, de seus alunos em suas aulas.

2 CONCEPÇÕES DE INTELIGÊNCIA

A palavra "inteligência" se origina do latim, etimologicamente remonta à palavra *intelligentia*, que por sua vez é formada pela união das palavras *inter* que se significa "entre" e

legere, "escolher", definindo a inteligência como sendo a capacidade de aprender, apreender, compreender ou adaptar-se; destreza mental (HOUAISS, 2017). Historicamente, há diversas definições acerca do que venha a ser inteligência e que foram fundamentais para a Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner, objeto deste estudo, e que serão apresentadas brevemente a seguir.

De acordo com Travassos (2001), a inteligência foi um dia conceituada como uma capacidade inata do indivíduo, uma particularidade na qual o ser humano dispõe para solucionar testes de inteligência como o Q.I. ("Quociente Intelectual"), por exemplo, criado pelo psicólogo francês Alfred Binet, por volta de 1905, com o objetivo de responder questões sobre a possibilidade de apontar os motivos do sucesso ou do fracasso escolar de crianças que frequentavam as séries iniciais, funcionando como uma espécie de medidor.

Mesmo com Binet alertando que seus testes de quociente de inteligência não mediam a inteligência, que eram apenas uma espécie de guia para identificar problemas escolares, com o tempo, os resultados obtidos nos testes começaram a ser aceitos como níveis de inteligência. Diferentes instituições passaram a qualificar as pessoas de acordo com as notas obtidas nestes testes, subestimando as pessoas com notas menores e superestimando as pessoas com notas mais altas (BINET; SIMON, 1907).

Opondo-se à ideia-base dos testes de QI, na década de 1990, receberam um imenso destaque no Brasil os estudos de Howard Gardner sobre as Inteligências Múltiplas. Diferente do perfil dos testes de QI que poderiam subestimar quem o fizesse, as pesquisas de Gardner apontavam para um horizonte muito mais complexo de inteligência.

Discordando da perspectiva inatista anterior, Piaget (1971) afirma que não a inteligência não é herdada de maneira integral, tão pouco apresenta-se como característica inata ao ser humano. Para ele, o desenvolvimento da inteligência está associado ao processo de funcionamento da herança biológica, isto é, as estruturas biológicas (sejam elas sensoriais ou neurológicas) são herdadas e elas é que pré-determinam a origem das estruturas mentais, amadurecendo, pois, a partir de sua interação com o ambiente. (PIAGET, 1971; FLAVELL, 1975).

Estabelecendo conexão com as teorias citadas acima, Mello (2004) explica como consequência desse processo o que denomina o "início" da inteligência, e destaca a importância da teoria sociointeracionista de Vygotsky. Para este, um indivíduo nasce apresentando um único potencial cognitivo, que por sua vez, servirá para aquisição de potencialidades, ou seja, a

habilidade de aprender a aprender (VYGOSTKY, 1991; MELLO, 2004); conceitos fundamentais para o presente artigo.

A inteligência pode ainda, para Vieira (2009) e Sternberg (2000), ser associada e definida a partir do termo “cognição” numa visão alternativa, pois se refere a um grupo de processos mentais superiores (pensamento, memória e aprendizado) que se desenvolvem ao longo do tempo. Nessa perspectiva, as experiências vividas por um indivíduo e sua interação com o meio em que vive são os fatores que determinam seu aspecto cognitivo, bem como o desenvolvimento dele; o aprendizado decorreria, então, das experiências proporcionadas ao indivíduo frente à sua capacidade de adaptação ao ambiente em que está inserido (STERNBERG, 2000; VIEIRA, 2009).

3 A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Gardner, Chen, Moran e colaboradores (2010) afirmam que as inteligências devem ser empregadas para gerar produtos ou ideias dentro de contextos culturais. As inteligências dos indivíduos são recursos a serem desenvolvidos para dar uma contribuição que beneficie não apenas o indivíduo, mas também a comunidade de forma ampla. Para os autores, as inteligências são muitas vezes consideradas como propriedade individual, mas são menos uma propriedade ou um fim em si mesmas e mais uma ferramenta para se chegar a objetivos culturais.

Geralmente, a inteligência dos estudantes é direcionada para um padrão de problemas, e nesta situação, a resolução correta dos problemas propostos é recompensada. Entretanto, os mesmos alunos que em dada situação mostram-se incapazes, em outras apresentam desempenho satisfatório. À medida que outras inteligências passam a ser valorizadas e desenvolvidas em várias culturas, a gama de potenciais, capacidades e desempenhos cresce exponencialmente (ANTUNES, 2002, 2003; GARDNER; CHEN; MORAN et al., 2010).

O que faz das inteligências e de seus vários perfis tão relevantes, é o padrão de interação entre elas. A maioria das pessoas que realizam uma atividade não usam uma inteligência apenas, mas conciliam as inteligências para atingir um objetivo. De igual modo, a maior parte das ações não são feitas totalmente por uma única pessoa. As pessoas identificam instrumentos a partir de elementos ou a partir de outras pessoas. Através de suas colaborações, uma pessoa muda o quadro de cultura vigente e apresenta outros elementos e recursos para que outras pessoas possam identificar (MORAN; JOHN-STEINER; SAWYER, 2003). Corroborando a ideia

anterior, Gardner e colaboradores (2010) destacam que são essas as interações que movem a estabilidade e a evolução culturais.

Segundo o mesmo autor ainda (1995a, 1995b, 2010), a inteligência deve se encaixar de forma razoável em oito critérios, sendo eles: 1. Isolamento potencial por dano cerebral; 2. Existência de *idiots savants*, prodígios e outros indivíduos excepcionais; 3. Operação central ou conjunto de operações identificáveis; 4. Trajetória de desenvolvimento característica, culminando em desempenho especializado; 5. História e plausibilidade evolutivas; 6. Apoio de tarefas psicológicas experimentais; 7. Apoio de dados psicométricos; e 8. Suscetibilidade à codificação de um sistema simbólico. Estes critérios são as principais características da teoria das inteligências múltiplas; toda competência ou conhecimento para ser de fato considerado uma inteligência deve se enquadrar nesses critérios.

Instituir, pois, uma inteligência sem que está se encontre dentro desses critérios, nada mais é que um exercício imaginário, e não um trabalho fundamentado no conhecimento acadêmico. A teoria das inteligências múltiplas traz duas afirmações relevantes para se delimitar os perfis a serem desenvolvidos. A primeira afirmação é que não existem dois seres humanos com as mesmas características no que se refere as suas qualidades e as suas insuficiências em termos de inteligência. A segunda afirmação é que todos os seres humanos possuem todas as inteligências mencionadas na teoria, as inteligências: linguística, lógico-matemática, musical, espacial, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal e naturalista (GARDNER, 1995a; GARDNER; CHEN; MORAN et al., 2010).

Sabe-se que cada indivíduo é diferente um do outro e que aprende, apreende, compreende, soluciona problemas e cria produtos de diversas formas (ANTUNES, 2002), a Teoria das Inteligências Múltiplas (IM) aponta oito diferentes inteligências, a saber:

a) *Inteligência Linguística*, considerada a inteligência daqueles que possuem maior capacidade de usar as palavras, oralmente ou por escrito. Engloba a capacidade de manipular a estrutura ou os significados da linguagem, fazer uso da retórica e da explicação com eficiência. Escritores, poetas, jornalistas, autores, locutores e palestrantes possuem grau elevado de inteligência linguística (ARMSTRONG, 2001);

b) *Inteligência Lógico-Matemática*, inteligência de quem usa os números de forma eficaz. Diz respeito à organização do pensamento lógico, proposições, afirmações e cálculos. Essa inteligência se destaca no matemático, no físico e no cientista (GARDNER 1995b; ANTUNES 2002);

- c) *Inteligência Musical*, inteligência que permite perceber, diferenciar e expressar formas musicais. A sensibilidade ao ritmo, ao timbre e à melodia pode ser observada em todas as pessoas, mas se sobressai nos cantores, compositores e instrumentistas (GARDNER, 1995b);
- d) *Inteligência Espacial*, que possibilita compreender e analisar o ambiente em nossa volta, transitar em espaços grandiosos como o marinheiro e o piloto, ou numa definição mais local como um escultor e um jogador de xadrez. A inteligência espacial envolve sensibilidade às cores, formas, ao espaço e às relações que existem entre esses elementos. Essa inteligência é bem desenvolvida, também, em arquitetos, artistas e designers (ARMSTRONG, 2001; ANTUNES, 2002);
- e) *Inteligência Corporal-cinestésica*, configura-se como a capacidade de usar recursos táteis e cinestésicos, a manipulação e a experimentação para aprender, consiste no uso do corpo para reproduzir ideias, sentimentos e criar produtos, bem como na destreza no uso das mãos para produzir ou transformar coisas (ARMSTRONG, 2001). É a inteligência do atleta, do bailarino, do cirurgião, do dentista, das pessoas que usam o corpo inteiro ou apenas uma parte específica dele para solucionar problemas (GARDNER, 1995b);
- f) *Inteligência Interpessoal*, envolve a capacidade de distinguir o humor, as intenções, as motivações e os sentimentos das outras pessoas, como também, a capacidade de relacionar de forma empática com o outro (GARDNER, 1995b). Essa capacidade de compreender as pessoas é fundamental para professores, vendedores e psicólogos. (GARDNER, 1995a; GOLEMAN, 1995; ARMSTRONG, 2001);
- g) *Inteligência Intrapessoal*, é a ideia de saber quem é você, de entender-se, o autoconhecimento e a capacidade de atuar e adaptar-se com base no conhecimento sobre si. Deste modo, essa inteligência se caracteriza por uma imagem precisa de si mesmo, das suas limitações, motivações, humor, temperamento, capacidade de autodisciplina e autoestima (GARDNER, 1995a; GOLEMAN, 1995; ARMSTRONG, 2001);
- h) *Inteligência Naturalista*, caracteriza-se como a perícia em reconhecer e classificar as plantas, os animais e os elementos da paisagem em geral. A pessoas com essa inteligência bem desenvolvida, que reconhece facilmente os membros de cada classe da cadeia alimentar, reconhece a existência de espécies próximas e mapeia as relações existentes entre as espécies, por exemplo. É a inteligência dos biólogos e naturalistas (ANTUNES, 2002, 2005; GARDNER, 1995b).

Cada pessoa dispõe de um perfil de inteligência que pode ser aproveitado em diversos propósitos, mas o perfil não é um gráfico em que se separam as inteligências. As inteligências influenciam a evolução e a manifestação umas das outras. Essas ligações entre as inteligências ajudam a esclarecer como, mesmo na especificidade de uma inteligência, existem diferentes formas de expressá-las. Um bom palestrante e um talentoso escritor, os dois possuem inteligências linguísticas, mesmo que cada uma seja prestigiada de forma distinta em diferentes culturas.

No primeiro exemplo, a inteligência linguística concilia-se com as inteligências corporal-cinestésica e interpessoal, dando-lhe assim uma presença de palco incrível. Enquanto o escritor pode conciliar sua inteligência linguística com as inteligências lógico-matemática e intrapessoal, para construir um texto bem estruturado, amplo e cheio de sentimentos. Essa característica de interação entre as inteligências propõe que elas podem se manifestar de formas variadas, e as avaliações em que as inteligências são isoladas não fazem jus ao potencial real de um indivíduo dentro de sua cultura (ANTUNES, 2003; GARDNER; CHEN; MORAN, 2010).

Dessa maneira, as inteligências se inter-relacionam no indivíduo de três formas, através da restrição, da compensação e da catálise (MORAN; GARDNER, 2006a). A restrição pode acontecer, por exemplo, em uma avaliação de inteligência. Essas avaliações costumam enfatizar uma única inteligência, não levando em conta as interações que ocorrem entre as inteligências, ignorando a diversidade de formas que uma mesma inteligência pode se expressar (a inteligência corporal-cinestésica, por exemplo, pode ser expressa na dança, na prática esportiva ou em um desenho através da coordenação motora fina) e ignorando também os resultados incríveis que podem ser obtidos quando mesclam-se duas ou mais inteligências. Tem-se restrição quando ao tentar avaliar a inteligência corporal-cinestésica é pedido ao indivíduo que dance, mas a sua inteligência corporal-cinestésica se expressa numa pintura ou num esporte com bola. Cada pessoa expressa suas inteligências de formas diferentes e é possível que nenhuma delas conquiste um resultado satisfatório em avaliações que isolem as inteligências.

Assim como os defeitos podem em muitos casos ser compensados pelas qualidades, as inteligências podem se compensar. A maleabilidade da mente permite o indivíduo se adaptar a várias situações e de maneiras diferentes. Darwin, por exemplo, mesmo com uma inteligência lógico-matemática relativamente baixa se comparada com outros cientistas, contribuiu

imensamente para ciência com sua extraordinária inteligência naturalista (GARDNER; CHENG; MORAN et al., 2010).

Percebe-se, no entanto, que há diversas formas de alcançar um desempenho de qualidade e isso deve ser considerado no momento de realizar uma avaliação. Não se pode excluir um indivíduo por ser limitado em alguma inteligência, é possível que, quando conciliada com outra inteligência essa limitação possa não ser perceptível e o indivíduo tenha vantagens ao realizar certas ações (MORAN; GARDNER, 2006b).

Como última forma de interação entre as inteligências, tem-se a catalisação; uma inteligência pode impulsionar o desenvolvimento de outra. A inteligência espacial combinada com a inteligência corporal-cinestésica pode resultar em belos desenhos ou plantas de imóveis, a inteligência musical combinada com a inteligência corporal-cinestésica pode resultar num grande bailarino ou dançarino. Se o objetivo é atingir o nível máximo de aprendizado com os alunos, deve-se a todo momento considerar a catálise (GARDNER, 1995a).

Assim como as inteligências interagem entre si no indivíduo, elas também interagem com outros indivíduos. Para simplificar, pode-se usar como analogia um quebra-cabeça, ele não é composto por peças iguais, portanto no mundo do trabalho as melhores equipes são compostas por pessoas com diferentes talentos, com diferentes inteligências. Torna-se mais difícil para os indivíduos conseguirem entender como eles podem se encaixar no quadro mais amplo de suas culturas, se for exigido que sejam como os outros (GARDNER; CHEN; MORAN, 2010; GARDNER, 1995b).

As três formas de interação entre as inteligências citadas anteriormente, podem também ocorrer nas interações entre inteligências em diferentes indivíduos. Quando um membro de um grupo solicita aos demais que argumentem sobre seus pontos de vista, tem-se uma restrição, pois os membros com menor inteligência interpessoal terão desvantagem comparados aos membros ou ao membro com maior inteligência interpessoal. Mesmo que sua opinião não seja a mais correta do grupo, pode facilmente restringir os demais por ser mais habilidoso socialmente. Grupos que têm ciência das diferenças existentes entre os membros e que respeitam essas diferenças, obtêm a compensação, levando-os a um desempenho muito melhor do que teriam se fizessem o mesmo trabalho sozinhos. A inteligência naturalista de um pode estimular a inteligência espacial do outro, gerando, desta forma, a catalisação.

4 INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NO CONTEXTO ESCOLAR

O papel do professor nesse processo de desenvolver e potencializar as inteligências dos alunos é fundamental, pois a ele cabe apresentar os conteúdos e atividades de aprendizagem de forma que os alunos compreendam o porquê e o para quê do que aprendem, e assim desenvolvam expectativas positivas em relação à aprendizagem e sintam-se motivados para o trabalho escolar. Para tanto, é preciso levar em consideração que nem todas as pessoas têm os mesmos interesses ou habilidades, nem aprendem da mesma maneira ou no mesmo ritmo, o que muitas vezes exige uma atenção especial por parte do professor a um ou outro aluno, para que todos possam se integrar no processo de aprender. (LABURU et al., 2003; LEÃO; RANDI, 2017).

Por outro lado, diversos autores comentam que não é difícil encontrar diretrizes nacionais colidindo entre si, no que tange às estruturas tradicionais da educação, na medida em que as políticas tendem a reforçar um sistema hierárquico de desigualdade, não sendo capazes de reconhecer a agência de estudantes e professores. A oportunidade de usar as IM por vezes entra em conflito com as políticas que demandam uniformidade no ensino e na aprendizagem, como os testes competitivos, por exemplo. Também se negligenciam as necessidades das comunidades de que suas crianças e seus jovens sejam educados de forma a estarem preparados para enfrentar problemas profundos na sociedade (KORNHABER, 1998; KORNHABER; KRECHEVSKY, 1995).

O desenvolvimento da compreensão, de acordo com Gardner, Chen e Moran e colaboradores (2010), depende de uma série de abordagens reflexivas, que possibilitam aos professores e aos estudantes se envolverem, verem a aprendizagem como uma abordagem intencional e regularmente refletirem sobre sua aprendizagem do ponto de vista pedagógico.

Cheung (2003) explana uma estrutura curricular e pedagógica com quatro componentes para desenvolver a teoria das Inteligências Múltiplas no contexto escolar: O ensino de IM, o ensino com IM, o ensino sobre IM e o ensino para IM.

O ensino de IM de acordo com o autor, é o processo de ajudar os alunos a adquirir conhecimento e habilidades no período ideal e usar as abordagens apropriadas do ponto de vista do desenvolvimento. Por exemplo, para desenvolver a alfabetização, professores de educação infantil envolvem as crianças em diversas atividades de leitura, ensinam o alfabeto e transformam a sala de aula num ambiente rico em alfabetização. Como resposta a esses

estímulos, as crianças se familiarizam com o conteúdo e desenvolvem habilidades que claramente abrem caminho para que possam aprender a ler nos anos seguintes.

No ensino de IM na educação escolar, os alunos podem adquirir conhecimento e desenvolver habilidades específicas dentro do período ideal, se o professor por exemplo, planejar suas atividades respeitando as fases do desenvolvimento motor proposto por Gallahue, Ozmun e Goodway (2013).

O ensino com IM é o ensino de diversos pontos e de diferentes representações. Para Gardner, Chen e Moran (2010), entre os quatro componentes da estrutura curricular e pedagógica baseada nas IM, esta é a mais bem-sucedida. Especialmente nos anos que antecedem o ensino fundamental, no qual o currículo escolar introduz conceitos de grande e pequeno, família, amigos e partes do corpo. Esses conceitos podem ser aplicados com músicas, histórias, experiências e através do movimento, e quando um conceito pode ser ensinado por diversos canais, ele oferece mais pontos de entrada para a compreensão, e esta compreensão tem maiores possibilidades de ser profunda. Um professor de educação física, por exemplo, pode usar bolas de diferentes tamanhos e cores, pode usar uma voz “alta” e uma voz “baixa” para cantar e falar. Assim, os alunos não usam somente as mãos, mas os olhos e ouvidos para experimentar tais conceitos.

Segundo Cheung (2003), tal abordagem resulta em aprendentes mais motivados e uma compreensão mais profunda dos conceitos. Ensinar com IM não tem que ver com ensinar cada conceito de oito formas diferentes, as formas que o professor escolhe para plantar uma ideia ou conceito no aluno devem fazer sentido e favorecer a compreensão.

Ensinar sobre IM abrange, de acordo com Cheung e Lee (2006), o uso de resultados de avaliações inspiradas nessa teoria. Com base nos resultados dessas avaliações, torna-se possível desenvolver uma base para o avanço escolar a partir das qualidades dos alunos.

É relevante esclarecer que ensinar sobre IM não significa rotular os alunos, mas permite identificar configurações intelectuais, permite saber as características do estudante, seus pontos fortes, e assim ajudar a superar ou avançar suas limitações. Estratégias de ensino coerentes com a filosofia das IM ajudam alunos com problemas em certas áreas de aprendizagem.

Ensinar para IM tem relação com o uso dos ambientes que favorecem o ensino das inteligências. Nesses ambientes, os alunos devem dispor de oportunidades iguais de acesso a um leque de ações estimulantes e que os desafiem intelectualmente. Deste modo, os alunos vivenciarão experiências que demonstrem suas áreas de qualidade, bem como fortalecerão as

áreas em que apresentam limitações (ANTUNES, 2005; GARDNER; CHEN; MORAN et al., 2010).

A geração de ambientes de aprendizagem favoráveis às inteligências ajuda os professores a dar sustentação a alunos acima da média por meio de atividades conectadas através de sentido. Atividades que se conectam com sentido favorecem verdadeiras experiências de aprendizagem em IM. Se as atividades não fazem sentido entre si ou entre os conceitos estudados, a aprendizagem será casual e não efetiva (ALVES, 2001; ANTUNES, 2002).

Por conta disso, atividades que propiciam o desenvolvimento simultâneo das inteligências tornam-se de grande importância para que a escola alcance os seus objetivos. A educação a partir das IM pode acontecer de quatro maneiras, no ensino de IM, quando são ensinadas habilidades específicas aos alunos respeitando sua faixa etária.

No ensino com IM, quando o professor desenvolve diversas atividades sobre o mesmo tema através da ludicidade e recreação, usando sua criatividade para estimular os alunos de formas diferentes, a fim de desenvolver o autoconhecimento e potencializar as diversas inteligências.

No ensino sobre IM, quando após avaliar os estudantes, cria-se uma base de dados com os perfis dos alunos para assim escolher quais são as melhores abordagens para cada turma de acordo com as habilidades dos alunos da turma; quando o professor possui conhecimento sobre as inteligências que os alunos se saem melhor, ele pode adotar ou criar estratégias para que através destas inteligências as outras se potencializem.

E no ensino para IM, em que há relação com o uso dos ambientes de ensino para que favoreçam o desenvolvimento das inteligências. Ensinar para as IM torna necessário um ambiente que favoreça o ensino das inteligências, a sala de aula é um destes ambientes, onde o professor pode estimular e desafiar os alunos, disponibilizando experiências que podem aprimorar as Inteligências Múltiplas. (CHEUNG, 2003; CHEUNG; LOU, 2003).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente escolar, por muito tempo, teve como principal objetivo desenvolver as inteligências linguística e lógico-matemática. Porém, com o surgimento da teoria das Inteligências Múltiplas, a concepção de inteligência foi alterada e os educadores passaram a agregar maior importância a outras competências, além das habilidades citadas.

Considerando que todo o processo de ensino-aprendizagem é complexo e diversificado, a teoria das Inteligências Múltiplas colabora para que se possa compreender que cada aluno é diferente do outro, que cada aluno aprende de um jeito. O entendimento dessa diversidade promoveu mudanças nas escolas e nas políticas públicas da educação, que passaram a respeitar cada vez mais a individualidade do aluno e promover a educação de maneira geral. É inviável que um professor ministre suas aulas de maneira única, esperando que seus alunos evoluam da mesma forma.

Na educação escolar é imprescindível, então, que o professor reflita e elabore situações em que o aluno possa compensar e catalisar suas inteligências, seja individualmente seja em grupo, e que pense em avaliações que permitam ao aluno compensar seu baixo desempenho em determinada inteligência em relação àquela em que se destaca, potencializando suas habilidades.

Para isso, as propostas de ensino que visam simplesmente a memorização dos fatos, locais, datas ou a repetição sistêmica de movimentos devem dar lugar a propostas em que o aluno participe ativamente na construção do seu conhecimento, empregando como via de acesso a inteligência que possui maior afinidade, a inteligência melhor desenvolvida.

O papel do professor é, pois, promover experiências que possibilitem ao aluno entender o porquê e para que aprendem (ALVES, 2001). Com isso, serão criadas boas expectativas no que diz respeito ao aprendizado e os alunos ficarão mais motivados e receptivos para o conteúdo da aula. Essa compreensão só é possível através de uma série de abordagens reflexivas, que permitem aos professores e alunos um envolvimento, enxergando a aprendizagem como uma abordagem intencional e, com frequência, refletindo sobre ela.

Consoante à teoria de Gardner, o propósito da escola deveria ser o de desenvolver as inteligências e ajudar as pessoas a atingirem seus objetivos de ocupação adequados ao seu espectro particular de inteligência. Uma escola centrada no indivíduo, voltada para um entendimento e desenvolvimento ótimos do perfil cognitivo do aluno.

O estudo e aplicação das Inteligências Múltiplas poderia otimizar lacunas existentes no processo educacional e o uso de técnicas para estimulá-las e reconhecê-las poderia auxiliar o desenvolvimento do ser humano como um todo, conduzindo a uma nova visão de educação e potencializando as competências de cada aluno de forma mais eficiente.

6 REFERÊNCIAS

- ALVES, U.S. Inteligência na educação: Percepção dos alunos e relações com a escola. São Paulo: Faculdade de Educação USP, 2001. Dissertação de Mestrado.
- ARMSTRONG, T. Inteligências Múltiplas na sala de aula. São Paulo: ArtMed, 2001.
- ANTUNES, C. Inteligências Múltiplas e Seus Estímulos. Campinas: Papirus, 2002.
_____. Inteligências Múltiplas. São Paulo: Salesiana, 2003.
_____. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. Petrópolis; Vozes, 2005.
- BINET, A.; SIMON, T. Le développement de l'intelligence chez les enfants. In: L'année psychologique, v. 14, p. 1-94, 1907. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/c3f58dd2ce39f38cb018f47af004d350/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2037646>>. Acesso em: 31 out.2019.
- BONMANN, R.D. O uso da Gestaltpedagogia no desenvolvimento das Inteligências múltiplas aplicada no processo de Ensino-aprendizagem. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. Dissertação de Mestrado.
- CHEUNG, K. C. Raindrops soothing amidst the spring wind: Exeplary case studies of multiple intelligences inspired education. Hong Kong: Crystal Educational Publications, 2003.
- CHEUNG, K. C.; LEE, C. L. Liberating talents and potentials in accordance with developmental regularities: An experimental research study on brain-based recommendations for intellectual development and good education-a self-rating system. Macao: University of Macau Publication Centre, 2006.
- CHEUNG, K. C.; LOU, L.H. Children thank teachers for being educated: an experimental research study on the exploitation and evaluation of multiple intelligences. Macao: University of Macao Publication Centre, 2003.
- FLAVELL, J.H. A Psicologia do Desenvolvimento de Jean Piaget. São Paulo: Pioneira, 1975.
- GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C.; GOODWAY, J.D. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: AMGH, 2013.
- GARDNER, H.; CHEN, J.; MORAN, S. et al. Inteligências múltiplas ao redor do mundo. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- GARDNER, H. Inteligências Múltiplas: a Teoria na Prática. Porto Alegre: Artmed, 1995a.
_____. Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995b.
- GOLEMAN, D. Emotional Intelligence. New York: Bantam Books, 1995.
- HOUAISS, A. Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. São Paulo: Objetiva, 2011.
- KORNHABER, M.L. A return to cautious optimism: in the black-white test score gap. New York, 1998.

KORNHABER, M.L.; KRECHEVSKY, M. Expanding definitions of teaching and learning: notes from the MI underground. In: COOKSON, P.; SCHNEIDER, B. (orgs.). Transforming schools. New York: Garland, 1995.

LABURÚ, C. E.; ARRUDA, S. M. e NARDI, R. Pluralismo Metodológico no Ensino de Ciências. In: Ciência & Educação, v. 9, n. 2, p. 247–260, 2003.

LEÃO, G.M.C.; RANDI, M.A.F. O processo de ensino-aprendizagem: múltiplas inteligências, poucas metodologias. In: Educere-Revista da Educação da UNIPAR, 2017, pp.18711-18721. Disponível: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/22950_12028.pdf>. Acesso em: 31 out.2019.

MELLO, S. A. A Escola de Vygotsky. In: CARRARA, K. Introdução à Psicologia da Educação. São Paulo: Avercamp, 2004.

MORAN, S.; GARDNER, H. Multiple intelligences in the workplace. In: GARDNER, H. Multiple intelligences: New Horizons. New York: Basic Books, 2006a, pp.213-232.

MORAN, S.; GARDNER, H. Extraordinary cognitive achievements: a developmental and systems analysis. In: DAMON, W.; KUHN, D.; SIEGLER, R.S. Handbook of child psychology. Vol.2: Cognition, perception and language. New Jersey: Wiley, 2006b.

MORAN, S.; JOHN-STEINER, V.; SAWYER, R. Creativity in the making. Creativity and development, 2003.

PIAGET, J. A epistemologia genética. Petrópolis: Vozes, 1971.

STERNBERG, R. J. Inteligência para o Sucesso Pessoal. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

TRAVASSOS, L. P. Inteligências Múltiplas. Revista de Biologia e Ciências da Terra, vol. 1, n° 2, 2001.

VIEIRA, D. R. G. Desenvolvimento psicomotor: a importância da maternação no primeiro ano de vida. Rio de Janeiro: Revinter, 2009.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.